

Indicadores de **Cientificidade do Turismo** no Brasil

ALEXANDRE PANOSSO NETTO * [panosso@usp.br]

LUIZ GONZAGA GODOI TRIGO ** [trigo@usp.br]

Resumo | O presente artigo pretende fazer uma discussão da importância da reflexão filosófica aplicada ao turismo para o avanço da cientificidade na área para em seguida apontar os indicadores científicos do turismo no Brasil. O estudo é eminentemente de cunho teórico amparado em pesquisas de filósofos e em investigações de estudiosos do turismo. Justifica-se o presente trabalho devido ao fato de que os estudos em turismo devem ser considerados em sua totalidade de análise e não somente de forma parcial. Além do mais, abordagens filosóficas nos estudos do fenômeno turístico não têm sido largamente realizadas de uma forma geral. Os resultados atingidos levam a crer que a filosofia merece ser mais aplicada na área e que o estudo científico do turismo no Brasil está avançando de maneira significativa em importância, qualidade e profundidade da reflexão, com indicadores importantes que se referem ao número de publicações de um modo geral, ao número de programas de pós-graduação, de alunos de carreiras de graduação e de eventos científicos existentes.

Palavras-chave | Filosofia, Epistemologia, Ciência, Turismo, Brasil.

Abstract | The purpose of this paper is to discuss the importance of the philosophical thought applied in the tourism field, to measure how the tourism scientific indicators are increasing in Brazil. The article is quite theoretical and based in researches and pools of tourism specialists and philosophers. The paper importance is linked with the fact that tourism studies must be considered not just in partial views, but in a more complete scientific overview. Another point is that the philosophical approaches in the tourism studies aren't widely well done in several levels and fields. The last results show the need to believe that philosophy must be more applied. The tourism scientific study in Brazil grows deeper and deeper in importance, quality and critical analysis, with important indicators related with number of publications in general, the quantity of post-graduation programs, students in graduation and scientific seminars and events.

Keywords | Philosophy, Epistemology, Science, Tourism, Brazil.

* **Doutor em Ciências da Comunicação** pela Universidade de São Paulo e **Professor** na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Brasil.

** **Doutor em Educação** pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e **Livre-docente** em Lazer e Turismo pela Universidade de São Paulo (USP) Brasil.

1. Introdução

A filosofia sempre teve estreita ligação como método científico e com o avanço da ciência de uma forma geral, porém, nem sempre a ciência e a filosofia foram valorizadas como mereciam. Hoje em dia a filosofia passou a um segundo plano na sociedade e desta forma os valores culturais e sociais carecem de análises e reflexões mais profundas.

As grandes invenções humanas tomaram o palco do espetáculo, e a análise crítica, amparada pela filosofia, passou ao segundo plano das atenções da sociedade. Todavia, a filosofia não morreu, e a cada dia mais o “mundo precisa de filosofia”, conforme afirmou Mendonça (1996), e aproveitando a ocasião pode-se afirmar que “o turismo também precisa de filosofia”.

As ciências expõem resultados que podem ser imediatamente avaliados, e que a filosofia “apenas” dá sustentação a esse conhecimento. Por exemplo, para propor uma análise cuidadosa da globalização em nossa sociedade, o cientista utilizará a filosofia, uma vez que terá de trabalhar com os conceitos de verdade, hipótese e erro que são todos oferecidos pela filosofia. Entretanto, ao expor seu resultado, ele não fará menção ao papel da filosofia em seu estudo, uma vez que ela não foi o objeto de sua pesquisa. Assim pode-se oferecer um número infinito de exemplos nos quais se observa que a filosofia é a base da pesquisa, mas como não expõe resultados diretos, não é valorizada como deveria.

Tudo isso se for considerado que a filosofia é uma reflexão primeira sobre o homem e o mundo, que se preocupa com as questões fundamentais da existência humana, tais como a ética, o sentido da vida, a verdade científica, a lógica, os problemas metafísicos, ontológicos e transcendentais, entre outros.

Neste aspecto, uma das questões que vêm afligindo os pesquisadores do turismo desde meados do século XX está a configuração, ou construção, de

uma epistemologia que se propusesse a explicar as bases do conhecimento turístico por meio de uma teoria que articulasse as suas (multi) facetas.

Quais são os fundamentos do turismo? Como validar o conhecimento em turismo? Quais são as teorias válidas em turismo? Como produzir conhecimento em turismo? Essas perguntas exigem respostas que necessariamente passarão pela reflexão filosófica e pela construção epistêmica. Na ausência de tais reflexões, a academia de turismo sente carência de pesquisas científicas que de fato tragam algo de novo para o avanço do campo do conhecimento.

Segundo Comic (1989), os filósofos não estudam o turismo porque estão preocupados com outros “problemas fundamentais”. Além do mais, muitos pesquisadores do turismo olham o fenômeno apenas do ponto de vista de suas ciências de formação acadêmica, fator que ocasiona limitações na sua interpretação e, conseqüentemente, parcialidade no conhecimento produzido.

A rejeição da filosofia aos estudos turísticos ocorre, na visão de Comic (1989:6), “porque esta deve se preocupar com os mais profundos problemas, e o turismo poderia representar sua vulgarização e redução para uma pseudofilosofia” e porque o turismo é visto como algo insignificante, não merecendo a reflexão filosófica. Somente afastando-se desses pontos de vista é que o pesquisador poderá avançar nessa discussão.

Porém, é inegável que vários autores desenvolveram ensaios sobre a temática. Esses ensaios constituem-se em degraus que servem de base para que o conhecimento avance. Portanto, esse estudo seguirá por uma vertente filosófica e teórica, que anseia por ajudar a colocar a filosofia como fundamento da reflexão turística. Também serão analisados os indicadores de cientificidade dos estudos do turismo no Brasil, entre os quais estão: o número de livros publicados, o número de programas de pós-graduação e de eventos científicos em turismo.

2. A epistemologia

Nos últimos vinte anos a produção em conhecimento na área aumentou significativamente. Foram produzidos livros, dissertações e teses com temáticas variadas relacionadas ao turismo. A produção acadêmica deveria construir uma teoria do turismo, mas as informações e pesquisas, muitas vezes, encontram-se desconectadas, impossibilitando o avanço significativo do debate.

Todas as novas pesquisas e os novos cursos geraram outra interrogação na academia de turismo: qual é a garantia que existe para dizer que esse conhecimento em turismo pode ser utilizado na prática e qual é a garantia de que ele não é um conhecimento falho?

Ao se formularem esta pergunta os pesquisadores da área estão procurando saber a validade epistemológica de tal conhecimento. Mas, para debater sobre o tema “epistemologia aplicada ao turismo” é necessário muito mais do que um conhecimento superficial sobre o assunto, pois é impreterível uma abordagem mais profunda, fundamentada na filosofia, mais especificamente na filosofia da ciência, que vá à essência da discussão e que não paire apenas sobre seus aspectos superficiais.

A epistemologia é também conhecida como teoria do conhecimento ou gnosiologia. Sua origem está no grego, onde *Gnosis* (gnwsiV) = conhecimento, ciência e *Logia* (logia) = estudo, discurso ordenado. A epistemologia nasceu junto com a ciência moderna, no século XVI. Japiassu (1979:16) explica que por epistemologia “podemos considerar o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais”.

A epistemologia estuda a realidade das coisas, ou seja, o mundo externo ao ser humano. Parte de dois pressupostos: que o conhecimento é uma categoria do espírito (intelecto) e que o objeto imediato do conhecimento é a idéia ou a representação, que está

na consciência do sujeito pensante (Abbagnano, 1999:183). A epistemologia busca verificar o que é válido no conhecimento de determinado fenômeno. É importante ressaltar que essa “realidade das coisas” se refere ao sentido filosófico, que busca o fim último das questões da natureza (sua razão de ser e sua essência) e não somente os aspectos superficiais (seus acidentes e externalidades). Por ser um modo de verificar os fundamentos conceituais, ou seja, a validade do que se conhece em uma determinada área, a epistemologia aplica-se a todas as disciplinas acadêmicas que conhecemos.

Partindo do problema do conhecimento científico, a epistemologia “indaga sobre as afirmações científicas; por isso mesmo ela é uma reflexão crítica de estilo filosófico, sobretudo do que a ciência faz. Ela é, por conseguinte, uma Filosofia da Ciência. Ela indaga sobre os critérios de cientificidade e sobre o método científico. Delimitar o campo das ciências experimentais e das não experimentais, avaliar criticamente a natureza e o valor do conhecimento científico, analisar e discutir seus princípios, bem como os elementos metodológicos usados na sua construção, discutir a linguagem usada na ciência etc., estão entre as tarefas da epistemologia” (Carnielli, 1998:195-196).

Além das indagações acima destacadas, a epistemologia se pergunta, dentre outras, as seguintes questões: O que podemos conhecer? Como podemos conhecer? Porque conhecemos algumas coisas e não outras? Como adquirimos o conhecimento? O conhecimento é possível? Pode o conhecimento ser verdadeiro? São indagações que vão fundo naquilo que condiciona a ciência que produz conhecimento e os conteúdos do pensamento no ato da produção desse conhecimento.

A aplicação da epistemologia nos estudos turísticos é de extrema importância, uma vez que ela pode auxiliar na explicação do fenômeno turístico e ao mesmo tempo fornecer bases científicas mais próximas da realidade aos pesquisadores.

A epistemologia tem adquirido cada vez mais importância na produção do conhecimento na

atualidade, e com o turismo não é diferente. Dentre os causadores desse fato estão: 1) a necessidade de novas pesquisas na área que respondam a novos problemas criados pela prática do turismo; 2) o aumento da importância do “fazer turismo” em todo o mundo, devido a fatores ligados ao estresse diário, problemas familiares, globalização, competitividade acirrada em todos os campos de atuação profissional; 3) o aumento das publicações na área do turismo em nível mundial; e 4) o aumento dos cursos superiores, técnicos e de pós-graduação em turismo.

A epistemologia aplicada ao estudo do turismo, segundo Tribe (1997:639), tem importância fundamental. Primeiro porque ela promove uma revisão sistemática do que é legítimo no conhecimento do turismo, como já apontado anteriormente; segundo porque não há concordância sobre o mapa ou os limites dos estudos turísticos, e a epistemologia pode ajudar para que tais limites sejam estabelecidos.

Jovicic (1988), partindo da afirmação de que a prática do turismo é muito mais avançada do que a teoria que aborda essa prática, também argumenta em favor do estabelecimento de uma teoria do turismo, que deverá passar, obrigatoriamente, por uma descrição epistemológica.

3. Uma ciência turística?

Ao falar de uma epistemologia do turismo não está se falando, necessariamente, de uma ciência do turismo, mas é inegável que, com essa argumentação, a seqüência da idéia é perguntar sobre tal aspecto. Sobre isso é necessário dizer que se enganam aqueles que pensam que o turismo já se constitui uma ciência. O conceito moderno de ciência é amplo e pode variar de autor para autor. As *hard sciences* (conceito que diferencia as ciências naturais e físicas das ciências humanas e sociais) historicamente possuem um *status* “mais elevado” de ciência devido aos seus objetos de estudos e métodos utilizados. Mas tal fator não deve ser um

limitador para as ciências humanas e sociais (das quais o turismo faz parte). Se pensar o termo ciência de acordo com a definição das *hard sciences*, então o turismo nunca chegará a ser uma ciência. Mas se for adotado o conceito de ciência das áreas humanas e sociais, com as novas visões pós-modernas do conhecimento, então o turismo pode um dia ser considerado uma ciência. Depende do ponto de vista da análise adotada. Uma visão rápida sobre as várias definições de ciência podem ser consultadas as obras de Lungarzo (1991), de Horgan (1998) e de Santos (2004).

Uma importante reflexão sobre a dificuldade de se construir uma ciência turística é feita por Boullón (2002:20): “Para elaborar uma teoria científica, primeiro é preciso que haja uma série de hipóteses, que constituem o ponto de partida das cadeias dedutivas, cujos últimos elos devem passar pela prova da experiência. Completando-se uma série de hipóteses, satisfatoriamente comprovadas, teremos a possibilidade de dizer que esse conjunto de idéias (nascidas do intelecto e da informação, e, além disso, organizadas sistematicamente) podem constituir os princípios gerais de uma determinada disciplina do saber. Na ciência, todo princípio geral deve ser exato, mas também flexível, de tal maneira que o sistema ideológico possa evoluir quando novas evidências demonstrarem a existência de algum erro no conhecimento e na interpretação da realidade.”

Seguindo seu raciocínio, Boullón afirma que não se conhece nenhum pesquisador que tenha alcançado essa sistematização do conhecimento turístico. Tal afirmação leva à conclusão de que o fato de o turismo se tornar uma ciência é uma realidade ainda a ser alcançada.

A argumentação de Boullón remete a Thomas S. Kuhn, que, em seu maior trabalho, *A estrutura das revoluções científicas*, dentre os vários temas abordados, trata de como ocorrem as mudanças de paradigmas das ciências e de como são construídas tais ciências.

Para Kuhn (2001:219) “um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade científica

partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma". Dencker (1998:33) oferece uma definição mais clara de paradigmas, que são "visões de mundo, conceitos e valores que orientam as investigações, pois permeiam toda a cultura e, por conseguinte, as investigações científicas".

A construção de um modelo, ou paradigma, aceito por uma comunidade, dá-se de forma lenta e, quando ocorre, nega quase por completo o paradigma considerado até então. "Para ser aceita como paradigma, uma teoria deve parecer melhor que suas competidoras, mas não precisa (e de fato isso nunca acontece) explicar todos os fatos com os quais pode ser confrontada" (Kuhn, 2001:38). Geralmente o novo paradigma é descoberto ou criado por um pesquisador jovem, ou por um grupo de pesquisadores que duvida do paradigma vigente.

Seguindo essa explicação, percebe-se que hoje em dia cada ciência tem o seu ou os seus padrões (paradigmas, modelos, fundamentos) criados por pesquisadores que servem de orientação para esses mesmos pesquisadores. Dessa forma, compreende-se a explicação de Kuhn, segundo a qual paradigmas seriam conceitos teóricos e valores aceitos por uma comunidade científica que aplica tais conceitos e valores em suas pesquisas. Seriam, assim, as conquistas científicas obtidas que são universalmente reconhecidas por seus pares e que fundamentam, por um período de tempo, o avanço da ciência.

Para exemplificar, Kuhn (2001) diz que antes de Newton todo cientista que fosse estudar a óptica física deveria construir seus fundamentos de estudo, pois ele não se sentia obrigado a aceitar um paradigma posto, uma vez que o mesmo ainda não existia, ou se existia, não tinha grande aceitação por seus pares. Com o turismo ocorre quase o mesmo. Há algumas teorias, mas os pesquisadores não se sentem obrigados a aceitá-las, e então partem para estudos independentes a fim de formular seus próprios fundamentos. Esse é o caso de

autores como Fuster (1971), que propôs um estudo funcionalista do turismo; Leiper (1979), Sessa (1985), Lainé (1985) e Beni (2001), que oferecem uma abordagem estruturalista fundamentada na Teoria Geral de Sistemas, gestada por L. Von Bertalanffy; e Molina (1991) e Centeno (1992), que sugerem a fenomenologia para o estudo do turismo, apenas para citar alguns.

Echtner e Jamal (1997:876-877), após analisarem a perspectiva de Kuhn, afirmam que o turismo ficará restrito a ser um tópico especializado de pesquisa. Isto é, continuará sendo uma área de estudos dentro de cada disciplina. E vão além: "O turismo não é somente um fenômeno pré-paradigmático, mas ele também pertence a várias e incomensuráveis áreas de estudo. Isso não é uma posição viável para aspirar a uma nova disciplina".

Nesse ponto é interessante fazer a delimitação entre disciplina e campo de estudo. A disciplina é algo que pode ser ensinado e aprendido. Ela tem o seu objeto de pesquisa específico, e seu método de pesquisa leva à obtenção de resultados satisfatórios quanto a testes lógicos e de validação. A disciplina estuda uma parte da realidade, e tem todas as ferramentas para tal processo.

O campo de estudo, por sua vez, não possui método próprio de pesquisa e seu(s) objeto(s) não se apresenta(m) ainda com os limites definidos, como é o caso do turismo. Além do mais, quando há um problema a ser resolvido no campo, o mesmo passa a ser abordado por diversas disciplinas, que aplicam os seus métodos próprios para sanar o problema. Por exemplo, no caso de um destino turístico precisar mudar a sua imagem junto ao mercado estrangeiro, investimentos em campanhas de marketing serão feitos, como também re-aparelhamento da infraestrutura básica e turística, educação e treinamento para a população local e promulgação de leis relativas à segurança dos turistas. Somente nesse pequeno exemplo, foram envolvidos o marketing, a engenharia, a pedagogia, o direito e outro grande número de disciplinas e campos que não aparecem diretamente.

Resumindo: campo é o objeto de estudo e disciplina é o modo de estudo. Mas não é apenas o turismo que se encontra no patamar de campo de estudo. Apenas para ilustrar, a informática, a ecologia, a saúde pública, o marketing, a publicidade e o jornalismo encontram-se neste mesmo patamar.

Para Karl Popper (2003), a ciência não avança em “saltos” que negam toda a teoria anterior, mudando-se assim a crença para uma nova teoria, como sugeriu Kuhn. Para ele o princípio do avanço e da validade de uma ciência é a falseabilidade. O cientista deve expor seu pensamento e esperar por críticas que o obriguem a reformular as partes falhas; somente assim o conhecimento avança. “O ponto decisivo de racionalidade, segundo Popper, é a atitude crítica, a atitude pela qual posso estar errado e você certo e, juntos, podemos nos esforçar para chegar mais perto da verdade” (Newton-Smith, 1997:31).

Para Popper, a ciência tem caráter racional porque está aberta às críticas empíricas “e porque ela permanece pronta a rejeitar qualquer dessas teorias, caso a crítica tenha êxito, não importa quão impressionantes foram as realizações da teoria do passado” (Worral, 1997). Seu esquema mais conhecido de explicação do avanço do conhecimento é assim representado:

$$P1 \rightarrow TT \rightarrow EE \rightarrow P2$$

Onde:

P1 = Problema inicial.

TT = Teoria proposta para resolver o problema.

EE = Processo de eliminação de erro pelo qual passa a teoria.

P2 = Problema revisto que se origina do processo de ensaio e erro.

É por esse processo que o conhecimento em turismo deve passar. Deve ser analisado, criticado e melhorado; só assim poderá almejar status científico. Importa dizer que o que está escrito nesse livro também está à espera de análise crítica, para que, no futuro, tenha maior êxito.

4. Indicadores de avanço e de cientificidade do turismo no Brasil

Para avançar na discussão de uma epistemologia do turismo são necessários grupos de estudiosos articulados e que abordem os mais referidos aspectos deste campo de estudo. Nesse sentido, apesar do pensamento contrário de alguns críticos brasileiros, notadamente de áreas afins à do turismo, os estudos em turismo no Brasil avançaram significativamente nos últimos 15 anos.

O Brasil tornou-se um líder nas pesquisas em turismo na América Latina. Argentina e Chile também têm produção acadêmica em turismo, mas em termos de quantidade de livros publicados e de investigadores, são inferiores ao Brasil e México.

Há várias ações e fatores que indicam que há significativos avanços na investigação em turismo no Brasil, tais como seguem:

Livros publicados

Desde 1990 foram 34 editoras brasileiras que publicaram 493 livros de turismo. Sem dúvida, uma quantia reduzida frente à importância do turismo mundial, todavia é o maior número de publicações de um país da América Latina.

Um dado preocupante é que entre as 34 editoras, verifica-se que somente 12 lançaram algum título em 2007. Dessas, somente 8 tiveram lançamentos no ano de 2008. Ou seja, há uma clara redução do número de títulos em turismo lançados e o crescente desinteresse das editoras em publicá-los.

Outra preocupação com os títulos publicados é que nem sempre eles passam por uma revisão teórica de conteúdo, que seria uma prova ou refutação da teoria, conforme indica Popper (2003). A contratação de especialistas revisores eleva os custos de produção, por isso não são bem aceitos pelas casas editoriais.

Poucas são as discussões de cunho epistemológico em tais livros, o que leva a crer que existe um desconhecimento da temática por parte dos autores,

ou que eles não se interessam por discutir algo tão completo. Da mesma forma, abordagens filosóficas, sobre o significado do turismo na atual sociedade, como propõem autores já destacados (Mendonça, 1996; Comic, 1989; Tribe, 1997; Jovicic, 1988; Boullón, 2002) também não são feitas, ocasionando a carência de fundamentos filosóficos dos argumentos apresentados.

Esse fato de poucas editoras no momento estarem interessadas em publicar livros de turismo reflete-se na criação de uma demanda reprimida de autores que possuem trabalhos prontos para publicação, mas não conseguem ter tais trabalhos aceitos pelas editoras mais renomadas. Nesse sentido, pode ocorrer uma procura por editoras que, mediante pagamento dos custos de edição, publicam a obra. Outra saída é o autor transformar seu livro em artigos e assim publicar em revistas científicas da área ou apresentar seus estudos em congresso científicos.

Periódicos

O número de periódicos científicos de turismo chega a 19 no Brasil, todavia apenas o "Turismo em Análise", editado pela Universidade de São Paulo, possui classificação "A Nacional" da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (www.capes.gov.br). O segundo periódico

melhor classificado é o "Turismo: visão e ação" da Universidade do Vale do Itajaí, com classificação B Nacional.

Os periódicos que mantêm sua publicação atualizada, sem considerar sua qualidade editorial, conteúdo ou meio de publicação (impresso ou virtual) estão relacionados abaixo:

- Caderno Virtual de Turismo
- Licere
- Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas
- RBTUR-Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo
- Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo
- Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Turismo
- Revista Brasileira de Ecoturismo- (RBEcotur)
- Brazilian Journal of Ecotourism
- Revista Cultura e Turismo
- Revista de Economia, Administração e Turismo
- Revista de Turismo
- Revista Eletrônica de Turismo
- Revista Global Tourism
- Revista Hospitalidade
- Revista Nordestina de Ecoturismo
- Revista Patrimônio: Lazer e Turismo
- Revista Turismo
- Revista Turismo e Desenvolvimento
- Revista Turismo em Análise
- Revista Turismo: Visão e Ação

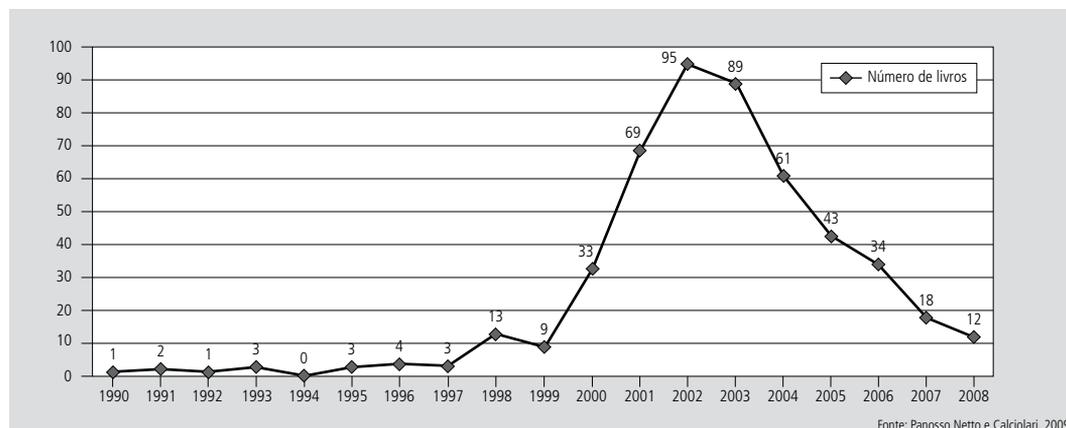


Figura 1 | Número de livros de turismo publicados de 1990 a dezembro de 2008 no Brasil.

A partir de uma revisão geral sobre os trabalhos publicados nessas revistas, constata-se que poucos são os artigos que abordam problemas teóricos e fundamentais em turismo (conforme indica Comic, 1989). A inexistência de testes de hipóteses também é recorrente nesses estudos e também existe certa miopia sobre o significado da ciência no contexto atual (Lungarzo, 1991; Horgan, 1998; Santos, 2004).

Paradigmas (no sentido dado por Kuhn, 2001), já ultrapassados, são ainda vistos como verdadeiros. Isso se deve ao fato de que nem todos os revisores das revistas têm uma visão profunda sobre esse tema e às vezes chegam até mesmo a ignorá-los por completo. Essa situação seria superada caso um nível maior de exigência fosse exigido dos textos submetidos.

Cursos de graduação e cursos técnicos

O número de cursos de graduação em turismo no Brasil que em 1994 não passava de 50, saltou para quase 600 em 2007 (Quadro 1). Todavia o crescimento quantitativo não foi acompanhado de um crescimento qualitativo e agora os cursos atravessam uma crise, pois há muita oferta de vagas que não são completadas nas Instituições de Ensino Particulares-IES.

As IES particulares estão diminuindo o número de vagas em turismo, e estão no caminho de apenas formar os alunos já matriculados e desativarem seus

cursos. Por outro lado, ocorre uma expansão dos cursos de graduação em turismo nas Universidades Públicas. Os Institutos Federais (IFs) também ajudam a ampliar a discussão ao oferecerem cursos técnicos na área da hotelaria, eventos e turismo.

No nível de graduação é onde se encontra o grande problema da educação em turismo no Brasil. A partir da rápida expansão do número de cursos de turismo, as IES tiveram que contratar profissionais que ainda não estavam preparados para assumir aulas em um curso superior, pois faltava a eles a compreensão e diferenciação das teorias de autores importantes, tais como os já citados Fuster (1971), Leiper (1979), Sessa (1985), Molina (1991) e Centeno (1992). Com tal situação, criou-se um ciclo de reprodução somente de idéias de autores brasileiros, como se fosse possível existir apenas uma visão nacional do turismo.

Portanto, os cursos de turismo das IES passaram também a ser um importante vetor de empregos para os formados em turismo no Brasil. Essa situação a mudar impulsionada pelo grande número de ingressos e egressos dos cursos de mestrado em turismo existente no país. Pode-se inclusive afirmar que enquanto a graduação em turismo no país passava por uma crise, os cursos de mestrados estão com grande concorrência e em pleno desenvolvimento, pois é neles que os processos de produção e revisão do conhecimento científico na área são desenvolvidos e novos paradigmas são criados (Dencker, 1998).

Quadro 1 | Número de cursos de graduação presenciais na área de viagens, turismo e lazer por categoria administrativa da IES em 2007

Áreas gerais, áreas detalhadas e programas e/ou cursos	Federal	Estadual	Municipal	Particular	Comunitária Confessional Filantrópica	Total
Viagens, turismo e lazer	33	21	10	389	133	586
Eventos	1	–	–	28	6	35
Lazer e turismo	–	1	1	2	1	5
Turismo	32	18	8	349	119	526
Turismo e hotelaria	–	2	1	10	7	20

Fonte: MEC/Inep/Deed (2007), disponível em <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/>

Cursos de pós *stricto sensu*

O número de programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo hoje chegam a nove, sendo oito mestrados e um doutorado, nas seguintes instituições:

Mestrados

- Turismo e Hotelaria da Univali (1998) – Universidade de Vale do Itajaí (Balneário Camburiú-SC);
- Cultura e Turismo (2001) – Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-BA);
- Turismo (2001) – Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul-RS);
- Hospitalidade (2002) – Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo-SP);
- Turismo e Meio Ambiente (2003) – Centro Universitário de Ciências Gerenciais UNA (Belo Horizonte-MG);
- Turismo (2007) – Universidade de Brasília (Brasília-DF);
- Lazer (2007) – Universidade Federal de Minas Gerais (Ouro Preto-MG);
- Turismo (2008) – Universidade Federal de Rio Grande do Norte (Natal-RN).

Doutorado

- Doutorado em Administração e Turismo (2006) da Universidade do Vale do Itajaí (Balneário Camburiú-SC).

Eventos científicos

Eventos científicos servem para apresentação de resultados de pesquisas atuais e para a integração dos pesquisadores. São três os eventos com foco principal em turismo no Brasil que receberam o Qualis A da Capes, ou seja, a qualificação máxima de um evento científico nacional. Outro foi classificado como Qualis B, São eles:

- Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (Qualis A);
- Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (Qualis A);

- Seminário Internacional de Turismo (Qualis A);
- Encontro Nacional de Turismo com Base Local (Qualis B).

Criação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Turismo

Criada em 8 de novembro de 2002 com o principal objetivo de incentivar e divulgar a pesquisa científica em turismo no Brasil, a Anptur (www.anptur.org.br) realiza anualmente o Seminário da Anptur (Qualis A). Sua criação é um reflexo da preocupação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* com a qualidade das pesquisas em turismo. Sua sede atual é em São Paulo.

Internacionalização de pesquisadores e pesquisas

Com o aumento do número de eventos científicos e de periódicos de turismo, ocorreu uma maior internacionalização dos pesquisadores brasileiros e a vinda de pesquisadores estrangeiros ao Brasil. Esse fato pode ser percebido nos eventos citados acima (participação de estrangeiros), nos artigos de estrangeiros publicados no país e nos inúmeros convites que os mais renomados autores brasileiros têm recebido para participar de eventos no exterior.

Capacitação profissional

Sabe-se que por ser um campo de estudos interdisciplinar o turismo necessita a contribuição das mais diferentes áreas do saber humano. Todavia destaca-se que em 2008 existiam no Brasil 35 bacharéis em turismo que possuíam o título acadêmico de doutores. Neste mesmo ano mais de uma dezena de bacharéis cursavam o doutorado com previsão de defesa de suas teses em 2009 e 2010. O número de bacharéis com título de mestrado ou cursando mestrado não é conhecido, mas seguramente passa de mil no país.

5. Considerações finais

O turismo, por ser um fenômeno que deve ser tratado de forma interdisciplinar, como já foi visto, necessita que estudiosos de várias áreas de ensino integrem seus esforços. Como já foi visto na abordagem destacada, quanto mais pesquisadores de outras áreas a academia do turismo conseguir reunir, melhor será, pois o conhecimento, que é universal e não pertence a ninguém em particular, será incrementado e todos os partícipes desse processo serão enriquecidos.

A filosofia deveria ser mais bem desenvolvida e aplicada ao turismo, seguindo a linha do que sugere Tribe (2009) e seus colaboradores no livro *Philosophical issues in tourism*. Seriam questões que analisariam a verdade, a beleza e a virtude do turismo, temas eminentemente do campo da filosofia.

Acredita-se que os estudiosos do turismo no Brasil não têm se preocupado o quanto deveriam com questões fundamentais em turismo, tais como: o que é a sabedoria em turismo? O que é conhecer algo? Qual a natureza do turismo? Quais são os princípios do turismo? Como e porque desenvolver a ética em turismo? Questões dessa natureza, se bem desenvolvidas, poderiam oferecer um novo significado ao desenvolvimento e ao estudo do turismo, ao menos no país em questão. Todavia não é isso o que se observa.

No Brasil poucos foram os autores que apresentaram abordagens filosóficas ao turismo. Quem se destaca nesse sentido no país é Panosso Netto (2005) que procurou explicar o turismo utilizando-se da abordagem fenomenológica. Esse autor não propôs apenas uma crítica ao conhecimento turístico, mas também propôs a construção de um conhecimento crítico. Sua análise baseia-se na compreensão do que foi desenvolvido em teorias do turismo desde os anos de 1960 para então proceder a aplicação do método fenomenológico ao estudo da temática, fator que ocasionou o surgimento e a revisão de novos aspectos nas teorias de turismo desenvolvidas no Brasil.

Há ainda mais um agravante nas teorias desenvolvidas sobre o turismo no Brasil: a falta do princípio da falseabilidade. Ou seja, Popper (2003), com sua proposta de revisão e avanços de teorias, é pouco visitado. Isso significa dizer que apenas uma parcela pequena dos estudos do turismo brasileiro passam por revisões e críticas de seus pares (nesse caso, excetuam-se os artigos submetidos a revistas que têm revisão cega).

Portanto, esse artigo deixa claro que existe significativa produção científica em turismo no Brasil, e o cenário se mostra promissor para mais e melhores estudos. Porém, o grande gargalo está no fato de que os estudos por vezes se mostram superficiais e repetitivos, tanto no que se referem a livros, artigos em revistas e/ou apresentados em eventos da área. Por outro lado, os cursos de mestrados têm seu papel valorizado, pois pretendem ser o berço da cientificidade do turismo no país.

Para superar as limitações das teorias do turismo, serão necessários muitos estudos desenvolvidos por pesquisadores que se interessem pelo tema e que estejam dispostos a enfrentar leituras árduas, geralmente no campo da filosofia, lógica, epistemologia e ciências sociais de um modo geral. Inspiração (e transpiração), indução e dedução, no sentido mais estrito dos termos, também são necessárias.

Para encerrar, relacionam-se alguns pontos que são fundamentais não perder de vista quando se analisa e estuda o turismo:

- Turismo não é ciência no sentido estrito do termo, mas deve ser estudado com rigor científico.
- Saber a validade do conhecimento científico que está sendo usado como fundamento na pesquisa é fundamental para o investigador.
- O turismo deve ser estudado, na medida do possível, com o amparo das mais diversas disciplinas.
- Os aspectos que mais se destacam no turismo são os econômicos, mas a economia não deve ser sobrepor às outras disciplinas no estudo do turismo.

- Os reducionismos nas análises do turismo devem ser evitados.
- O papel da filosofia no turismo é fundamental para que se compreenda esse fenômeno como algo da natureza humana.
- Para o aprimoramento das investigações turísticas é necessário uma superação epistêmica sobre o conhecimento produzido na área.

Espera-se que os estudiosos do turismo tenham essa perspectiva em vista e que seus estudos caminhem para uma visão mais crítica e para a construção de um conhecimento mais crítico da área. Somente dessa forma o fenômeno turístico poderá ser vetor de inclusão social e de disseminação de benesses para todos os que com ele estão envolvidos.

Referências

- Abbagnano, N., 1999, *Dicionário de Filosofia*, Martins Fontes, São Paulo.
- Beni, M.C., 2001, *Análise Estrutural do Turismo*, Senac, São Paulo.
- Boullón, R.C., 2002, *Planejamento do espaço turístico*, Edusc, Bauru.
- Carnielli, 1998, Filosofia da ciência, in Oliveira, A.S. et al., *Introdução ao pensamento filosófico*, Edições Loyola, São Paulo, pp. 189-201.
- Centeno, R.R., 1992, *Metodología de la investigación aplicada al turismo: casos prácticos*, Trillas, México.
- Comic, D.K., 1989, Tourism as a subject of philosophical reflection, *Revue de tourisme*, Vol. 2, pp. 6-13.
- Dencker, A.F.M., 1988, *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*, Futura, São Paulo.
- Echtner, C.M., Jamal, T.B., 1997, The disciplinary dilemma of tourism studies, *Annals of Tourism Research*, Vol. 24(4), pp. 868-883.
- Fuster, L.F., 1971, *Teoría y técnica del turismo*, Nacional, Madrid.
- Horgan, J., 1998, *O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico*, Companhia das Letras, São Paulo.
- Japiassu, H., 1979, *Introdução ao pensamento epistemológico*, Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro.
- Jovicic, 1988, A plea for turismological theory and methodology, *Revue de Tourisme*, Vol. 3, pp. 2-5.
- Kuhn, T.S., 2001, *A estrutura das revoluções científicas*, Perspectiva, São Paulo.
- Lainé, P., 1985, Utilisation de la théorie des systèmes pour l'aménagement touristique, in Sessa, A., *La scienza dei sistemi per lo sviluppo del turismo*, Agnesotti, Roma, pp. 185-194.
- Leiper, N., 1979, The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry, *Annals of Tourism Research*, Vol. 6, pp. 390-407.
- Lungarzo, C., 1991, *O que é ciência*, Brasiliense, São Paulo.
- Mendonça, E.P., 1996, *O mundo precisa de filosofia*, Agir, Rio de Janeiro.
- Molina, S., 1991, *Conceptualización del turismo*, Limusa, México.
- Newton-Smith, W.H., 1997, Popper, ciência e racionalidade, in O'Hear, A. (org.), *Karl Popper: filosofia e problemas*, Fundação Editora da Unesp/Cambridge, São Paulo, pp. 21-40.
- Panosso Netto, A., 2005, *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*, Aleph, São Paulo.
- Panosso Netto, A., Calciolari, G., 2009, *Publicação em turismo no Brasil*, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Programa Ensinar com Pesquisa, São Paulo.
- Panosso Netto, A., Trigo, L.G.G., 2009, *Cenários do turismo brasileiro*, Aleph, São Paulo.
- Popper, K., 2003, *A lógica da pesquisa científica*, Cultrix, São Paulo.
- Reale, G., Antiseri, D., 1991, *História da filosofia: do romantismo até nossos dias*, Edições Paulinas, São Paulo.
- Sessa, A., 1997, *La scienza dei sistemi per lo sviluppo del turismo*, Agnesotti, Roma.
- Tribe, J., 1997, The indiscipline of tourism, *Annals of Tourism Research*, Vol. 24(4), pp. 638-657.
- Tribe, J., 2009, *Philosophical issues in tourism*, Channel View, Bristol.
- Worral, J., 1997, Revolução permanente: Popper e a mudança de teorias na ciência, in O'Hear, A., (ed.) *Karl Popper: filosofia e problemas*, Fundação Editora da Unesp/ Cambridge, São Paulo, pp. 91-123.